

CAPÍTULO NOVE

Auxiliando a Reprodução

Dr. Sérgio Werner Baumel

*“Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!”*

Coelho Neto

Para a maioria dos casais em tratamento de fertilidade, a experiência é uma montanha russa emocional. Estima-se que de 3 a 7% dos casais no mundo tenham algum problema de infertilidade. Aproximadamente um em cada seis casais nos EUA e um em cada sete no Reino Unido estão lutando contra a infertilidade no presente momento. Muitos desses casais que estiveram em tratamento relatam como suas vidas giraram em torno dos ciclos mensais de esperança e desapontamento, limitadas pelas datas de ovulação e menstruação. Entretanto, se o ciclo de esperança e perdas é visto como uma crise de vida, existe uma oportunidade para a psicoterapia ajudar esses casais em seu pesar, suas perdas, suas preocupações e sua ansiedade.

Cada vez mais os profissionais de saúde estão interessados no impacto psicológico da fertilidade e da exposição prolongada aos tratamentos para infertilidade no humor e no bem-estar. A terapia regressiva é uma forma de terapia. Devido à sua abordagem holística, movendo-se entre o corpo e a mente, ela pode ser

utilizada para facilitar a recuperação de um sentido de integridade, segurança e receptividade, por parte das pacientes, que é frequentemente perdido nos ciclos recorrentes de tratamento médico para conseguir a gravidez.

Muitas mulheres sentem-se mal consigo mesmas quando não conseguem conceber. A tensão de não satisfazer o desejo por uma criança é muitas vezes associada a ansiedade, depressão e mesmo raiva. Este capítulo mostra dois casos em que a terapia regressiva parece ter sido útil, de uma maneira sutil, para a gravidez das pacientes.

O CASO DE CASSIE NIGHTINGALE – ENDOMETRIOSE

Cassie Nightingale veio ao meu consultório com uma demanda incomum. Ela queria fazer terapia regressiva, mas não mostrava qualquer sinal de sofrimento. Uma mulher bonita de pouco mais de trinta anos de idade, ela mostrava-se educada, tendo um sorriso espontâneo e sincero. Para mim, ela estava genuinamente feliz, e me dava a impressão de que não havia qualquer problema clínico. Portanto, seu pedido de terapia me deixou perplexo.

Cassie era uma advogada bem sucedida, feliz em seu casamento, tendo bons relacionamentos com sua família, amigos e colegas. Ela adorava cantar e sair com seu marido e seus amigos. Seus recursos financeiros eram suficientes para que ela vivesse uma vida que parecia quase perfeita. Além disso, o seu estilo de vida incluía tempo suficiente pra relaxar e eliminar o estresse.

O que acontecia era que ela e seu marido haviam decidido que haviam atingido uma fase em suas vidas em que queriam ter

filhos. Infelizmente, depois de vários meses tentando engravidar, Cassie descobriu que tinha endometriose.

“Endometriose” deriva da palavra “endométrio”, que é o tecido que reveste a cavidade do útero. Quando há tecido que se parece e se comporta como o endométrio fora da cavidade uterina, fica caracterizada a doença chamada de endometriose. Esse tecido de endométrio localizado fora do útero também responde ao ciclo menstrual, de um modo parecido com o tecido da cavidade uterina. Assim, ao final de cada ciclo, quando as mudanças nos hormônios levam o útero a descamar seu revestimento interno, o tecido endometrial fora do útero também se rompe e sangra. No entanto, diferentemente do fluxo menstrual, que é jogado para fora do corpo, o sangue desse tecido ectópico¹ não tem aonde ir. Como resultado, os tecidos de áreas adjacentes à endometriose se tornam inchados e inflamados e, com o tempo, formam cicatrizes. Essas cicatrizes infelizmente diminuem a chance de engravidar.

Enquanto Cassie estava realizando tratamentos com medicações e cirurgia laparoscópica², seu ginecologista disse que a causa da endometriose era desconhecida, e que tinha um componente psicossomático importante.

Tendo uma disposição feliz e alegre, Cassie não conseguia identificar qualquer problema psicológico aparente em sua vida atual. Assim, ela chegou à conclusão de que qualquer raiz psicológica só poderia estar em vidas passadas, e por isso me procurou.

Apesar de acentuar que não poderia prometer resultados, concordei em fazermos a terapia regressiva, como uma tentativa

¹ Fora do lugar correto.

² Procedimento em que um aparelho é introduzido na cavidade abdominal, possibilitando a cirurgia sem que seja necessária uma abertura ampla do abdômen.

válida. Nosso acordo foi fazermos uma terapia breve, semanalmente, com a condição de que Cassie continuasse com o seu tratamento ginecológico.

Sessão 1: Uma Bruxa Boa em Vida Passada

Em sua primeira sessão de terapia, Cassie atingiu facilmente um transe profundo, depois de uma indução inicial. Rapidamente ela entrou em uma experiência de regressão, vendo-se como uma mulher de pouco mais de 40 anos, trancada em uma espécie de masmorra, sem conseguir perceber mais detalhes. Decidi não pressioná-la a seguir naquela cena, sugerindo que fosse ainda mais longe no tempo, no passado.

Cassie então percebeu-se vivendo em uma cabana na floresta. Ela estava conversando com uma moça jovem, loura, que estava pedindo ajuda. A jovem queria fazer um aborto, mas Cassie não queria fazê-lo. A jovem loura, no entanto, estava desesperada. Aparentemente ela era filha de um homem importante no vilarejo, e não deveria ter engravidado. Como ela não podia revelar sua gestação para seus pais nem para os outros moradores, ela precisava muito interrompê-la. Por fim, Cassie concordou em ajudar.



Na cena seguinte, Cassie viu-se na floresta, procurando e coletando as ervas de que necessitava, cuidadosamente escolhendo as plantas certas e retornando depois para a sua cabana. Depois ela lavou as ervas e fez uma poção, que parecia uma espécie de sopa.

Cassie deu um pouco dessa poção para a jovem loura e disse para ela descansar. A poção causou contrações no útero, mas infelizmente algo saiu muito errado. A moça começou a ter

sangramento excessivo, tanto que Cassie precisou chamar alguns moradores da vila para ajudar. Alguns homens vieram e levaram a jovem para a vila.

Pouco depois, outros homens vieram e levaram Cassie presa, sendo aprisionada nas masmorras. Nesse ponto ela reconheceu as masmorras como sendo as mesmas em que se vira presa na primeira cena.

Seguindo-se a isso, Cassie foi acusada de ser uma bruxa. Depois de algum tempo, ela foi levada para ser executada publicamente. Depois de ter passado tantos dias na masmorra, praticamente sem comida, ela estava muito fraca. Não conseguia reagir, enquanto as pessoas a chutavam e a chamavam de bruxa. Foi então levada ao cadafalso, para ser enforcada. Entretanto, ela estava tão fraca que não conseguia se manter de pé, então foi decidido que ela seria executada de uma forma diferente. Foi amarrada e atada a um cavalo, que foi colocado para correr, arrastando-a pelo chão até morrer.

Embora essa história de uma vida passada envolvesse uma gestação, a lição espiritual para Cassie não ficou clara de imediato. Eu sugeri que observasse a história de uma perspectiva superior. Inicialmente, ela pensou que a lição a aprender seria exercer com mais sabedoria a escolha quanto a quem ela deveria ajudar. Logo depois ela reconheceu que a lição mais adequada era que ela não deveria escolher, mas ajudar quem quer que estivesse dentro de suas possibilidades ajudar. Além disso, que ela não deveria culpar a si mesma pelos erros dos outros. Logo depois ela recebeu uma mensagem de sua Sabedoria Interior que dizia: “Espero que agora você tenha aprendido”.

Durante a semana seguinte, Cassie procurou na Internet a respeito de ervas medicinais. Entre as ervas que ela havia se visto colhendo, ela descobriu duas que são contraindicadas para mulheres grávidas: a sálvia (*Salvia officinalis*), que pode causar

contrações uterinas, e a mil-folhas (*Achillea millefolium*), que pode causar sangramento uterino.

Sessão 2: Vida Passada como Clara – Abuso e Tristeza

Cassie voltou na semana seguinte, e o tema da história da segunda sessão de regressão também se relacionou com a gestação, mostrando-se também uma história trágica. Cassie viu-se como uma jovem freira chamada Clara. Clara sofre abuso sexual por parte de um padre, a quem Cassie reconheceu como sendo seu próprio pai, na vida atual. Clara fica grávida, e a madre superiora fica sabendo do ocorrido. Para acobertar a situação, a madre superiora tenta pressionar Clara a fazer um aborto, mas Clara consegue escapar do convento, fugindo para um pequeno vilarejo.

No vilarejo Clara dá à luz um menino, mas uma das parteiras leva a criança para longe. Desiludida, Clara volta ao convento, onde permanece pelo resto de sua vida, sempre se sentindo culpada por ter permitido que seu filho fosse levado embora.

Enquanto integrávamos essa experiência, Cassie se deu conta de que a lição que ela retirou dessa história foi a de que ela não deveria desistir de seus objetivos. Em vez disso, ela deveria manter-se lutando pelo que ela acredita. Para Cassie, era importante manter-se firme e defender seus ideais, ousando viver a vida que ela queria.

Sessão 3: Vida Passada como José Manuel – Rejeição e Raiva

Surpreendentemente, o tema da regressão tomou um rumo bem diferente na terceira sessão.

Cassie viu-se como um menino em Portugal, no século XVIII ou XIX. O nome do menino era José Manuel Alcântara da Silva, filho de Pedro Luiz Alcântara da Silva. Ele é criado em uma família muito rica, porém recebe muito pouca atenção de sua

mãe. José Manuel se ressentia da indiferença da mãe e, com o tempo, desenvolve um temperamento agressivo e raivoso. Em um de seus acessos de raiva, ele acidentalmente cai da janela de seu quarto, no segundo andar da casa, e fica paraplégico.

Algum tempo depois, sua mãe dá à luz outro menino. José Manuel sente muito ciúme do irmão e tenta matá-lo, sufocando com um travesseiro. Felizmente ele é impedido a tempo, e a vida do bebê é salva. A vida de José Manuel, entretanto, toma um novo rumo.

Depois deste incidente, José Manuel foi para um seminário católico, onde ele estudou com outros rapazes da mesma idade. Ele foi discriminado e rejeitado pelos outros meninos por causa de sua deficiência física. Sua raiva foi crescendo e ele foi tendo surtos de agressividade, sendo punido por isso e estigmatizado como sendo possuído pelo demônio.

Essa situação continuou até não ser mais tolerável. Certo dia ele tentou se matar cortando os pulsos. Perdeu muito sangue e ficou muito fraco, mas não morreu imediatamente. Permaneceu muito fraco, contraindo pneumonia e morrendo dessa infecção.

Depois de passar pela experiência da morte, José Manuel continuou próximo à casa dos seus pais, como um espírito desencarnado. Testemunhou o nascimento de uma irmã mais nova, que Cassie reconheceu como sendo a sua mãe na encarnação atual. Após ficar alguns anos nessa situação, José Manuel foi encaminhado por um guia espiritual através de um “túnel de luz” para o “outro lado”. Interessantemente, ele percebeu que esse guia havia sido seu avô.

Quando Cassie saiu do transe hipnótico, ambos concordamos que essa história continha pouca relação com o problema de infertilidade. No entanto, Cassie recebeu de sua Mente Superior uma mensagem que dizia que “cada um de nós expressa o amor de sua maneira própria” e que “nós não devemos manter nossos

sentimentos para nós mesmos, mas sim dizer um ao outro o que sentimos”.

Como a mensagem continuasse não tendo ligação clara com o seu problema de infertilidade, decidimos por mais uma sessão de regressão.

Sessão 4: Aborto

Em sua quarta regressão, Cassie viu-se como uma jovem espanhola, cujo pai era proprietário de terras e criava ovelhas. Ela se apaixonou por um jovem pastor de ovelhas chamado Marcos.

Seu pai não aprovou o relacionamento com o pastor e os proibiu de continuarem se encontrando. No início ela conseguiu conter-se e manter-se afastada, mas depois de algum tempo ela mudou de ideia e eles decidiram fugir juntos. Infelizmente, eles não conseguiram ir longe. O irmão dela foi atrás deles e a trouxe de volta, deixando Marcos escapar.

Como castigo, ela foi trancada na casa dos pais. Depois, foi forçada por sua família a namorar um homem mais velho, descrito por ela como “nojento”. A história que se seguiu foi trágica. O homem a estuprou, mas ela conseguiu escapar e fugiu novamente. Ela encontrou Marcou, e foi acolhida pelos pais dele. Logo ela descobriu que estava grávida do velho nojento.

A mãe de Marcos a ajudou a fazer um aborto, mas depois disso ela não conseguiu mais engravidar. Apesar de tudo, ela se casou com Marcos e, depois de alguns anos, eles adotaram um bebê chamado Júlio. A partir daí ela viveu feliz por alguns anos, até falecer por alguma doença no abdômen.

Esta regressão se mostrou frutífera. Cassie reconheceu Marcos como sendo o seu marido atual. Ela também reconheceu o bebê adotado como sendo a mesma alma do bebê que havia sido abortado. Surpreendentemente, essa mesma alma estava programada para vir como seu filho na presente vida, no tempo

certo. Ela recebeu uma mensagem divina que essa criança estava destinada a chegar em breve. Em resposta a essa mensagem, Cassie experimentou mudanças emocionais profundas. Depois que integramos suas experiências, estávamos animados e concordamos em interromper a terapia, esperando pelos resultados de seu tratamento médico para a infertilidade.

Depois do final das sessões de terapia Cassie engravidou, embora não imediatamente. Sua endometriose diminuiu por um tempo, mas voltou a se exacerbar. Além disso, seu ginecologista revelou que a motilidade do esperma de seu marido era “lenta”, o que iria diminuir muito as chances de uma fertilização bem sucedida. O ginecologista ofereceu a opção de utilizar tecnologia de reprodução artificial. Tendo em mente o que havia aprendido em uma das lições de vidas passadas sobre “não deixar suas metas incompletas”, ela aceitou a fertilização *in-vitro*. Essa foi uma decisão da qual ela não se arrependeu. O procedimento foi bem sucedido, e ela conseguiu levar a gravidez a termo.

Hoje Cassie tem um filho saudável de sete anos de idade, a quem ela descreve como sendo “um menino fantástico, muito inteligente e muito expressivo”.

O CASO DE HANNA THERESA – A PACIENTE ACIDENTAL

Hanna é uma colega de profissão, uma excelente médica com interesse em terapia de regressão. Ela aceita com facilidade o conceito de reencarnação, que é compatível com sua crença religiosa no Espiritismo. Ela estava participando de um grupo de estudos sobre terapia de regressão por alguns meses e nesse grupo um evento interessante aconteceu.

Hanna é uma mulher amorosa, sempre atenciosa em seu comportamento em relação às pessoas, esforçando-se ao máximo

em ser correta e prestativa, sem ferir outras pessoas. Ela estava com pouco mais de trinta anos e estava casada havia uns dois anos. Em uma certa etapa de nosso grupo de estudos, ela estava pensando seriamente em engravidar.

Ela já havia mostrado dúvidas a respeito de sua capacidade de criar uma criança e de ser uma boa mãe. Isso era estranho, pois ela lidava com crianças diariamente em seu trabalho, e todos percebiam que ela era muito boa e amorosa em seu modo de lidar com elas. O relacionamento dela com os seus pais também era muito bom, de modo que eu não acreditava que esse relacionamento pudesse contribuir para o seu medo da maternidade.

Tendo finalmente decidido que queria um filho, ela interrompeu as medidas contraceptivas e pouco tempo depois engravidou, ficando muito feliz com a gestação. Infelizmente, em menos de dois meses ela começou a ter hemorragia, colocando em risco a gestação. Uma ultrassonografia logo mostrou que não havia embrião viável, e a gestação foi interrompida naturalmente.

Hanna sentiu-se muito triste com esse aborto espontâneo. Ela começou novamente a imaginar que isso avia acontecido porque ela não seria uma boa mãe. Estranhamente, ela se culpava por algo que parecia irreal para todos nós que a conhecíamos. Ela parecia desconectada de quem ela realmente era, e isso era evidente para todos, exceto para ela mesma. Ela não procurou terapia, nem acreditava que seria necessária qualquer mudança pessoal.

Ao mesmo tempo, ela continuava participando de nosso grupo de estudos. Estávamos estudando diferentes métodos de indução na terapia de regressão. Em cada encontro discutíamos um método específico e fazíamos uma prática, com um de nós sendo o “paciente” e outro o “terapeuta”. Isso servia para testar o

método e, indiretamente, para que compartilhássemos experiências úteis de terapia de regressão.

Em um dos encontros, por volta de três meses depois do aborto espontâneo de Hanna, ela voluntariou-se para ser a “paciente” e eu fiquei com o papel do “terapeuta”.

Durante a sessão prática, ela entrou facilmente em transe e em regressão. Ao regressar no tempo, viu-se como uma mulher pobre, nos estágios finais da gestação. Ela não pôde identificar o período histórico ou o país em que essa vida se passava, apenas teve uma impressão de ser na Europa, na Idade Média ou no período do Renascimento. Ela vivenciou um trabalho de parto normal e sem incidentes, dando à luz um menino. No entanto, no período pós-parto ela teve a experiência de uma cena perturbadora.

“Estou andando pelo meu quarto,” ela disse. “O bebê está chorando. Ele não para de chorar... Eu não posso mais aguentar isso. Por que ele não para de chorar?” Seus sentimentos eram de uma tristeza profunda, e ela estava à beira do desespero.

A tristeza piorou enquanto a cena se desenrolava. Finalmente, Hanna viu a si mesma pegando um travesseiro e cobrindo o rosto do bebê para abafar o barulho, ao mesmo tempo sufocando-o, até que ele morreu. Hanna viu-se ficando ainda mais desesperada, até suicidar-se.

Após atravessar a experiência da morte, ela continuava a experimentar os sentimentos de tristeza e depressão. Então eu sugeri que ela fosse a um lugar seguro e tranquilo, de onde ela poderia ver toda essa experiência com uma perspectiva mais elevada. Da perspectiva daquele lugar especial ela pôde analisar os eventos que havia experimentado sem o sentimento depressivo, triste e angustiado, e pôde ver que aquele fora um estado patológico de depressão pós-parto.

Quando retornou do estado de transe ela estava impressionada pelas imagens vívidas e pelos sentimentos profundos que havia experimentado. No início, ela não fez qualquer ligação com seu presente da vida, e nós terminamos essa reunião como de costume, falando sobre o que tinha aprendido com ele.

Cerca de um mês depois, Hanna ficou grávida novamente. Desta vez tudo correu bem, e nove meses depois que ela deu à luz um menino saudável. Seu filho tem agora 12 anos de idade, e ela tem sido uma mãe carinhosa e amorosa, como todos que a conhecemos bem já esperávamos.

REFLEXÕES FINAIS

O papel da terapia de regressão no auxílio à reprodução permanece incerto, e não se propõe um papel direto de causa e efeito nesses dois casos. No entanto, o seu uso nessas situações evidenciou os múltiplos aspectos psicológicos de uma experiência humana complexa a que chamamos de “problemas de infertilidade”.

Os dois casos descritos aqui diferiram em suas questões reprodutivas. Sabe-se que métodos artificiais de reprodução facilitam uma divisão entre corpo e mente, pois o corpo feminino se torna objeto do escrutínio médico, enquanto a mente da mulher e suas emoções tornam-se muitas vezes negligenciados e isolados em sua ansiedade. Presumivelmente essa é uma área em que a terapia de regressão pode ter um papel importante para restaurar parte do equilíbrio corpo-mente.

No caso de Cassie, seu marido tinha motilidade reduzida do esperma e sua endometriose diminuía ainda mais a chance de conceber. Embora o uso da fertilização *in vitro* retirasse de suas preocupações a incerteza da fertilização, ela ainda precisava do bem estar mental e emocional para permitir um ambiente

acolhedor para o embrião artificialmente transferido poder se implantar em seu útero e alcançar o termo saudavelmente.

No caso de Hanna, o seu medo psicológico da maternidade era o obstáculo para a gravidez. Não sabemos as causas de seu aborto espontâneo, mas sabemos que a preparação de uma nova identidade durante a gestação é uma tarefa complexa. À medida que o corpo se prepara para acomodar a formação de um feto, a mente empreende a formação da mãe que ela pode se tornar. Os desejos, medos e fantasias da gestante giram ao redor de questões como: Quem é este bebê? Como eu serei como mãe? Como minhas percepções sobre mim mesma mudarão com a gravidez? O que acontecerá com meus relacionamentos com outras pessoas depois de uma gestação? As gestantes raramente pensam sistematicamente sobre tais assuntos. Na maioria das vezes essas questões são trabalhadas por elas de modo subliminar, entrando e saindo de seus sonhos e sentimentos incipientes.

O aborto espontâneo no caso de Hanna trouxe sua mente inconsciente a uma zona nebulosa entre o nascimento e a morte. Tratava-se dela se conciliar com uma vida que terminou logo depois de se iniciar. Foi um sonho, uma alegria, que foi arrancado, deixando em seu lugar um vazio sem sentido. Interessantemente, este tema de “nascimento e morte” apareceu na cena de sua regressão.

Nos dois casos parece ter havido algum sentimento de culpa das experiências de vidas passadas. No caso de Hanna, ela pode ter nutrido a crença de que sua ambivalência quanto à maternidade tenha causado o aborto. Ela pode ter se sentido culpada por não querer ou não merecer o bebê. Talvez tanto Cassie quanto Hanna precisassem perdoar a si mesmas para continuarem suas jornadas de maternidade, com o auxílio da regressão.